



na primeira pessoa *

Superei **um AVC**

Aos 37 anos, Isabel Nery teve um AVC, foi vítima de negligência médica, **lutou contra a morte e renasceu**. O relato desta história de coragem está em *Chorei de Véspera*, «um ensaio sobre a morte por amor à vida».

POR CARLOS EUGÉNIO AUGUSTO ~ FOTOGRAFIA ARTUR

ADAPTADO DO LIVRO **CHOREI DE VÉSPERA**, ISABEL NERY (A ESFERA DOS LIVROS)

«**E**ra Sexta-Feira Santa, 10 de abril de 2009, e o dia tinha começado com uma jura de descanso. Os meus filhos preparavam-se para sair. Estavam excitadíssimos com a antecipação de uma jornada de brincadeira com os primos. Mas voltaram atrás para me abraçar. Podia ter sido a última vez. A casa onde vivíamos tinha dois lances de escada que levavam até ao sótão. Naquele dia, subi-os. Carregada e, por qualquer motivo que o meu espírito não quis registar, a correr. Cheguei sem fôlego, sentei-me num degrau e senti uma explosão no cérebro. Agarrei-me à cabeça com as duas mãos, sentindo as raízes do cabelo a quererem fugir. Desci a escada, agarrada à parede, e disse ao Nuno, meu marido: “Estou a ter um AVC!”. Seguimos para o Hospital de Cascais.»

CORPO SEM ALMA

«Ainda com o carro em andamento, abro a porta e irrompo urgência adentro, a cambalear. Descrevi a uma médica a sensação de explosão, enfatizei como tinha sido tão súbita e repeti o autodiagnóstico. Já no Serviço de Observação, a médica condena-me a dizer-lhe quantos dedos vejo na sua mão. Respondi a tudo. Depois, fui-me durante longas horas. Tecnicamente, não terei morrido. O meu corpo esteve ali, dirão os registos, mas a minha alma não. Estou ainda sem dar conta de mim quando recebo alta. Assim deliberaram os médicos, embora tudo em mim dissesse que era a decisão errada. Assomo à porta da urgência, em braços. Não era dona do meu corpo, porque não era dona da minha cabeça. Tinha sido invadida – de sangue. Essa era a minha suspeita desde o primeiro momento, mas a confirmação

só viria cinco dias depois. Teria bastado que me ouvissem para os evitar.»

SOFRIMENTO SURDO

«Regresso a casa semi-inconsciente. As dores, que tinha deixado de sentir no hospital, vinham agora com uma força cruel. Por elas, abusei de tal maneira do gesto instintivo de massajar as partes do corpo doridas que fiquei com a testa em ferida. Ainda com dores excruciantes, insisto em voltar a ser vista por um médico. Chama-se uma formada em Medicina, desses serviços das seguradoras que vêm a todas as horas e lados. Nem sei qual foi o diagnóstico. Percebi logo que não sabia mais do que eu. É verdade, eu não era um caso óbvio. Não tinha afasia (alterações da fala), conseguia executar tarefas básicas como contar os dedos ou levá-los ao nariz. E então? Perante a evidente impreparação da

BI
Nome
Isabel Nery
Idade
45 anos
Profissão
Jornalista
O que nos conta
A sua experiência de quase morte após um derrame cerebral.

a minha história

médica, investe-se em nova tentativa. Desta vez, no Hospital da CUF de Cascais. Aí, fui atendida por um médico brasileiro, atencioso. Sou medicada, através do soro, com alguma coisa que não percebi. Essa qualquer coisa fez-me sentir bem e, pela primeira vez naqueles dias, ocorreu-me, aliviada, que talvez estivesse tudo certo, afinal.»

DIAGNÓSTICO: DERRAME CEREBRAL

«No dia seguinte ficaria, finalmente, entregue a cuidados públicos e especializados do Hospital S. Francisco Xavier. Fizem-me o que deveria ter sido feito no primeiro dia, uma Tomografia Axial Computorizada (TAC). Diagnóstico: derrame cerebral. A causa era ainda desconhecida, já que o sangue se assenhoreara do meu cérebro. De tal forma que o deixara com visibilidade reduzida. Mas o pior estava na única coisa que não tinha antecipado. Estava proibida de mexer mais do que o

pescoço. Qualquer movimento poderia implicar novo derrame. Apesar do cenário assustador, e depois de transferida e internada nos cuidados intensivos do Egas Moniz, dormi descansada pela primeira vez desde que tudo começara.»

O PODER DA MÚSICA

«A luz do dia trouxe algumas explicações. O neurocirurgião estava convencido de que o derrame tinha sido causado por uma Malformação Arteriovenosa (MAV). Com as más notícias, vieram as atenções. Nunca fui de chamar para mim. Mas estas souberam-me bem. Apareceram amigos, família (que não os filhos) e gente que não conhecia. Senti-me na obrigação de disfarçar o meu espanto. Na aparência, estava tudo normal, mas eu sabia que não era eu. Não retinha a maior parte do que me era dito, via tudo com uma mancha no olho esquerdo e sentia-me incapaz de ler. Precisava de outros refúgios. Voltei-me para a música. Associo até hoje a voz de Katie

O QUE É UMA MAV?

→ «Acontece quando as artérias do cérebro se ligam diretamente com as veias mais próximas, sem terem os vasos normais a uni-las. Uma espécie de atalho que pode dar a um beco sem saída. A rutura leva a que o sangue se escape e reduz a circulação no cérebro, logo, pode ser fatal. Nascer com um erro assim acontece a menos de 1 por cento da população mundial.»

Melua ao internamento e foi com a arte de John Miles que me apeteceu viver o minuto oferecido em vez da hora prometida.»

BOAS NOTÍCIAS

«Estive sete dias sem ver os meus filhos. As crianças não estavam autorizadas a entrar nos Cuidados Intensivos, mas a enfermeira chefe concordou que seria importante para todos. E foi mesmo. Pouco depois, os médicos concluíram que estava na altura de fazer uma ressonância magnética, com angiografia. Decidem que faria o exame no dia 20 de abril, data do meu aniversário. Tinha medo dos resultados mas as notícias foram boas: o sangue tinha sido quase todo reabsorvido e confirmava-se a existência da MAV. O próximo passo seria uma radiocirurgia estereotáxica, o que significava que me iam aparafusar um quadro à cabeça para que ficasse imobilizada. Durante, pelo menos, duas horas, tinha de estar dentro de uma máquina de ressonância para a

neurocirurgiã fazer o seu trabalho de precisão: apontar a radiação ao vaso roto, para que, queimado, deixasse de ter circulação pois sem tal não havia derrame.»

LONGA ESPERA

«Tenho autorização para me levantar a 22 de abril. A posição bípode estava-me vedada há doze dias e não tomava banho havia mais de uma semana. A velha casa de banho do Egas Moniz soube-me a *spa*. De pé, de banho tomado, voltei a ser uma pessoa inteira. A 24 de abril chegou a alta do serviço de neurocirurgia. Vinte dias depois do derrame cerebral faço nova TAC. O sangue tinha sido todo reabsorvido. Agora era preciso esperar um mês até à consulta seguinte, altura em que se decidiria como tratar a MAV. Até lá, não podia trabalhar nem conduzir. A malformação continuava e assustaram-me com a possibilidade de um ressangramento, mais provável depois de um primeiro derrame. Não havia medicação nem nada a fazer. Apenas esperar. A resposta veio e o dia previsto para o tratamento de radiocirurgia era 1 de junho. Uma intervenção deste tipo implicava que só teríamos certeza da sua eficácia, se tudo corresse bem, dali a dois anos.»



FINALMENTE LIVRE

«Passaram dezoito meses sobre o derrame cerebral e estava na altura do grande teste: uma nova angiografia. Revivi tudo: as luzes por cima de mim, o branco das paredes e dos tetos, das batatas, do mobiliário. Branco vazio. Branco morte. Agulhas invasoras. No final, dizem-me que está tudo bem. Choro de alívio. Peço para falar com o médico, que me diz: “Está livre. Já se pode portar mal.” Sorri. Ri. De mim. Da vida. Da morte. De ter chorado como se aquele fosse o momento. Chorei de véspera. Ainda bem. Posso, finalmente, recomeçar.» ★



CHOREI DE VÉSPERA
Isabel Nery
A Esfera dos Livros
€17

Isabel Nery, jornalista na revista Visão e coordenadora de um núcleo de Jornalismo e Literatura no Clepul, centro de investigação da Faculdade de Letras, reflete sobre a vida, a morte e a família, tendo como base a experiência que viveu após ter sofrido um derrame cerebral.

PORTUGAL
é um dos países que regista mais mortes por AVC.

17%
dos doentes morrem um mês depois do internamento.

30%
Percentagem dos óbitos ao fim de um ano.

50%
dos pacientes que tiveram AVC ficam dependentes.

35%
Percentagem dos doentes que ficam incapacitados.

FONTE: DADOS ADAPTADOS DO LIVRO CHOREI DE VÉSPERA.